

# EM BUSCA DO MITO PERDIDO:

## ARGUMENTOS SINGULARES NAS *FABULAE* DE HIGINO



Pesquisador: Diogo Martins Alves (diogo.lettras@gmail.com)

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Isabella Tardin Cardoso  
(isabella@iel.unicamp.br)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM  
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo



Palavras-Chave: Higino – *Fabulae* – mitologia greco-latina – pesquisa de fontes – intertextualidade

### Introdução

#### Fabulae

As *Fábulas (Fabulae)*, atribuídas a um certo Higino, constituem uma obra em que se encontram 277 relatos mitológicos greco-latinos narrados em prosa. Por não nos ter sido legado nenhum manuscrito completo, o acesso ao texto se dá por meio da considerada *editio princeps*, de Jacobus Mycillus, datada de 1535. Nas edições modernas da obra, seu título também segue a edição de Mycillus, embora alguns estudiosos acreditem que o mais correto seria *Genealogias (Genealogiae)*, uma vez que, em *Astronomia (De astronomia)*, obra também atribuída a Higino, o próprio autor faz referência a tal título: *de quo in primo libro Genealogiarum scripsimus* “sobre isso escrevemos no primeiro livro das Genealogias” (*Astr.* 2. 12. 2).

A data de composição das *Fábulas* também é incerta. Contudo, alguns estudiosos partilham da mesma opinião ao considerar como *terminus ante quem* o ano de 207 d.C., data em que algumas das fábulas foram traduzidas para o grego. Como *terminus post quem*, Herbert J. Rose, um dos editores da obra, sugere o ano de 55 a.C., uma vez que, segundo o estudioso, na redação das *Fábulas* encontram-se escólios da *Argonáutica* de Apolônio de Rodes (séc. III a.C.). Guadalupe Expósito, editora espanhola da obra, sugere que a composição poderia compreender os anos de 11 e 3 a.C., data em que possivelmente a obra *Astronomia (De astronomia)* teria sido publicada.

#### Hyginus

Sobre o autor das *Fábulas* propriamente dito, sabe-se que se trata de um certo Higino, nome presente na tradução grega de algumas passagens da obra. Observa-se uma tendência de associá-lo ao escravo liberto de Augusto, Caio Júlio Higino, que é retratado por Suetônio (70?-140? d.C.) em *Sobre gramáticos e retores (De grammaticis et rhetoribus, XX)*:

*C. Iulius Hyginus, Augusti libertus, natione Hispanus, (etsi nonnulli Alexandrinum putant et a Caesare puerum Romam aduectum Alexandria capta) studiose et audiit et imitatus est Cornelium Alexandrum, grammaticum Graecum quem propter antiquitatis notitiam Polyhistorem multi, quidam Historiam uocabant. Praefuit Palatinae bibliothecae, nec eo secius plurimos docuit. Fuitque familiarissimus Ouidio poetae et Clodio Licino consulari historico; qui eum admodum pauperem decessisse tradit et liberalitate sua, quoad uixerit, sustentatum. Huius libertus fuit Iulius Modestus, in studiis atque doctrina patroni uestigia secutus.*

Caio Júlio Higino, liberto de Augusto, nativo da Hispânia (embora muitos suponham que era de Alexandria e que, quando capturada a cidade, César o trouxera, ainda menino, para Roma). Com diligência, tanto ouviu quanto imitou Cornélio Alexandre, gramático grego a quem, por conta de seu conhecimento sobre a Antiguidade, muitos chamavam de “Polyhistor”, e alguns de a própria “História”. Dirigiu a Biblioteca Palatina, e, nem então, deixou de ensinar, de modo diligente, a muitos. Foi um dos amigos mais próximos do poeta Ovídio e de Clódio Licínio, historiador consular. Este relatou que Higino morreu em extrema pobreza, tendo sido sustentado por sua generosidade pelo tempo em que viveu. Higino teve como liberto Júlio Modesto, que seguiu os passos de seu patrono nos estudos e na doutrina.

### Metodologia

O texto latino seguido foi o da edição de Jean-Yves Boriaud (*Fables*. Paris: Les Belles Lettres, 1997). Não obstante, foram consultadas outras edições, em especial a de Javier del Hoyo e José Miguel García Ruiz (*Fábulas*. Madrid: Gredos, 2009), cujos comentários incorporam recentes resultados quanto ao estudo das fábulas de Higino. Dentre os dicionários empregados na tradução, destacamos o *Oxford Latin Dictionary – OLD*. Na tradução dos nomes de personagens míticas, topônimos e antropônimos em Língua Latina seguimos, de modo geral, o *Vocabulário Onomástico da Língua Portuguesa da Academia das Ciências de Lisboa*.

### Resultados e discussão

Percebemos que a relevância das *Fabulae* tende a ser cada vez mais reconhecida nos estudos mitográficos, uma vez que a obra vem sendo constantemente traduzida e estudada nos últimos anos. Entretanto, estranha-nos sua ausência em língua portuguesa hodierna: na obra se encontra um grande número de relatos mitológicos, alguns deles tendo ali sua única fonte. Nossa investigação, então, propõe a tradução e análise das fábulas cujos argumentos são considerados singulares em meio ao legado de versões mitológicas antigas hoje disponíveis (a saber, as fábulas II *Ino*; III *Phrixus*; XIV *Argonautae conuocati*; XXXV *Iole*; LXXII *Antigona*; CIX *Iliona*; CXII *Prouocantes inter se qui quo dimicauerunt*; CXXI *Chryses*; CXXII *Aletes*).

Além da importância que as *Fábulas* têm para a mitografia, temos ainda seu valor para os estudos literários, sobretudo se supormos, como alguns estudiosos acreditam, que seu autor teria sido aquele a quem Ovídio teria dedicado o livro III, 14 dos *Tristia*. Ao menos desde o século XII, Higino servia como fonte de notação e estudo de obras a Antiguidade greco-latina. Por exemplo, tanto as *Fábulas* como *De astronomia (Astronomia)* foram utilizadas por Arnulfo Rufo (séc. XII), professor de línguas clássicas em Orleans, em seu estudo dos *Fastos* de Ovídio. A discreta, mas constante presença de Higino mesmo nos comentários filológicos mais recentes às obras de outros autores augusteos (Virgílio, Horácio etc.) também se faz notar. Em épocas de estudos intertextuais aplicados à apreciação das referidas obras, parece-nos, pois, indispensável um maior conhecimento do texto higiniano, inclusive em suas características estilísticas.



Ruínas do Templo de Apolo, erguido por Augusto em 28 a.C. Junto ao templo se situava a Biblioteca do Templo de Apolo (*Bibliotheca Templi Apollonis*), também conhecida como Biblioteca Palatina, que foi dirigida por Caio Júlio Higino.

### Conclusão

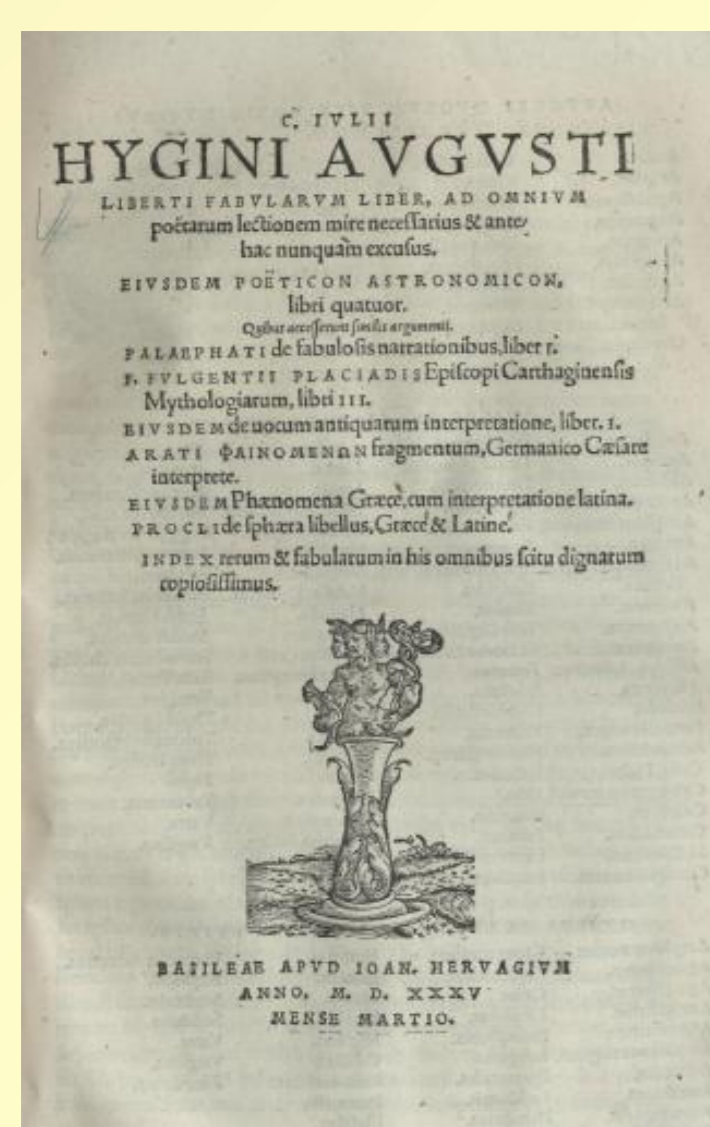
Durante o processo de tradução, encontramos no texto de Higino uma escrita compacta e, no que tange à escolha lexical, efetivamente simples. No entanto, por diversas vezes sua compreensão se mostra hermética: seja devido às lacunas e repetições, seja pelas omissões de trechos relevantes para a compreensão dos mitos. Tais características, entretanto, podem estar relacionadas com as convenções genéricas de *fabulae*, catálogos e genealogias, bem como com a impressão de objetividade que textos que se espera em textos de tais gêneros (baseados em compilação de caráter “didático”). A este aspecto, dedicamos atualmente nossa atenção.

### O mito de Crises e Ifigênia



Representação sequencial dos mitos de Ifigênia e Crises (fábulas 120 e 121), segundo André La Boeuffle. (Museu do Louvre)

Fonte: LIMC, disponível em [http://www.mae.u-paris10.fr/limc-france/LIMC-icone.php?code\\_icon=FR/NI/FR00004a](http://www.mae.u-paris10.fr/limc-france/LIMC-icone.php?code_icon=FR/NI/FR00004a)



*Editio princeps,*  
de Jacobus Mycillus,  
datada de 1535

Esta edição seria baseada, conforme indicações presentes em seu prólogo, em um códice do século IX ou X, do qual, apenas nos foram legados poucos fragmentos: o *Codex Monacensis 6437* (hoje na Staatsbibliothek de Munique) e um palimpsesto conservado na Biblioteca do Vaticano (*Pal. Lat. 24, frag. 3, fls. 38 e 45*).

Sobre o caráter singular de seu estatuto filológico, Ruiz de Elvira, em seu *Manual de Mitología*, destaca que, dentre toda a literatura greco-latina, apenas as *Fábulas* e mais outras três obras carecem de manuscritos.